

★★★★★
TÉLÉRAMA

★★★★★
CAHIERS DU CINÉMA

★★★★★
LES INROCKUPTIBLES

★★★★★
LE MONDE

★★★★★
BANDE À PART

★★★★★
LIBÉRATION

★★★★★
TRANSFUGE

FEVEREIRO

um filme de

Kamen Kalev

Estreia

12 Agosto

LEOPARDO
FILMES

www.leopardofilmes.com



FESTIVAL DE CANNES
SELECÇÃO OFICIAL
2020



Sinopse

Passado em espaços naturais e enriquecido com excertos de textos de Albert Camus e Boris Hristov, Fevereiro narra três períodos distintos da vida de Petar, um pastor na zona rural da Bulgária de leste. Prestando homenagem à simplicidade da existência do ser humano, o filme explora a intemporalidade da natureza e a forma como esta nos pode levar a uma elevação mística. Kaley assina um trabalho humanista e ao mesmo tempo focado no ambiente. O curso de uma vida monótona, sem significado e escrita à partida, é alterado por uma força invisível e misteriosa que puxa Petar para a morte, envolvendo o tempo e as suas reencarnações. É como se entrássemos num “corredor sem fim onde todos os nossos antepassados aparecem em fila”, traçando o caminho poético de alguém que aceita o seu destino sem arrependimentos.

2020 | Bulgária | 2h05min



Elenco

Petar (criança) — Lachezar Dimitrov
Petar (jovem) — Kolyo Dobrev
Petar (idoso) — Ivan Nalbantov
Avô do Petar — Hristo Dimitrov-Hindo
Capitão Kassabov — Milko Lazarov
Kuna — Alexia Georgieva
Poeta — Nencho Kostov

Equipa

Realização e argumento: Kamen Kaley
Fotografia: Ivan Chertov
Montagem: Kamen Kaley
Música: Petar Dundakov
Direcção de Arte: Ivelina Mineva
Som: Pierre-Yves Lavoué, Sofia Zhecheva,
Christophe Vingtrinier, Thomas Robert
1º Assistente de Realização: Filip Andreev
Distribuição: Leopardo Filmes

Nota de intenções

O personagem de Petar e os lugares descritos no guião estão intimamente ligados às memórias que tenho do meu avô e da aldeia em que a minha mãe cresceu: Razdel. A aldeia está localizada na parte oeste de Strandja, muito perto da fronteira com a Turquia. Esta proximidade também se reflecte no dialeto local, cheio de palavras turcas.

Até hoje, a aldeia segue o seu próprio ritmo, longe das rápidas mutações da área urbana. Esta aldeia e o seu isolamento, muito característico de regiões de fronteira, cria uma poderosa sensação de se viver fora do tempo. Os eventos dos três capítulos são inspirados em momentos reais da vida do meu avô: a remota cabana do pastor, as colinas cheias de túmulos antigos e dos seus saqueadores, o quartel da base naval em Bourgas, e a decisão de Petar de se juntar à sua irmã Gelyaza para passar o resto da sua velhice com ela.



A necessidade de contar esta história em três partes surgiu com a ideia de fazer um filme que lidasse com a predeterminação da vida. Uma criança torna-se adulta, a casa torna-se vazia, os gestos repetem-se. A terra, as ovelhas, os pássaros, a água. Tudo o que conecta o homem com a

natureza. A vida é determinada pelos antepassados e pelos hábitos com os quais crescemos.

No entanto, o meu objectivo não é reduzir o filme a um ensaio antropológico sobre a vida de um homem. Quero fazer um filme que vá além do realismo quotidiano, no qual a poesia e o misticismo reflectam as forças invisíveis que nos movem para a frente na vida, e cujo significado não pode ser compreendido. Um “filme de contemplação” sobre a energia incondicional do ser humano rumo à morte. Na primeira parte, a criança Petar encontra uma estátua fascinante e misteriosa num curral abandonado. Apesar da proibição do seu pai, Petar volta para o curral, enfeitado com a sua descoberta, que se sobrepõe à monotonia da sua vida.

Na segunda parte, o marinheiro Petar deixa a sua aldeia para cumprir serviço militar numa ilha remota. Descobre poesia e conhece pessoas muito diferentes das das suas origens. Mas Petar já não é uma criança e parece determinado: ele sabe que pessoa era e sabe que pessoa se tornará.

Na última parte, o velho Petar junta-se à sua irmã, que está gravemente doente. No caminho, ele anda por uma floresta no meio de uma tempestade de neve. Entre a vida e a morte, o seu corpo e mente parecem flutuar num estado quase extático. O velho homem não parece ter medo, pelo contrário. Ele e as forças da natureza tornam-se num só ser.

Quero observar um personagem cuja principal característica é ser reservado. Apesar desta personalidade introvertida, o espectador terá a sensação de seguir uma personagem complexa e poderá conectar-se com o seu universo peculiar,

a sua sensibilidade e a sua energia. Os personagens genuínos que conheço, a linguagem que ouvi e os lugares que vi, constituem a substância fundamental deste filme. Eles fazem parte da minha cultura e criam histórias que só podem ser contadas neste país específico por meio dessa língua. A realidade cinematográfica adquire tal força e move-se profundamente graças a esta ligação autêntica entre o autor e o contexto.

Desconfio de filmes maliciosamente emocionais com tópicos definidos de maneira demasiado certinha, nos quais os autores dão respostas padronizadas que o espectador pode aceitar ou rejeitar. A minha sensibilidade está direccionada a filmes que dão ao espectador a possibilidade de transcender a imagem e o som para encontrar as suas próprias respostas para além das questões que o filme aborda. Penso em Apichatpong Weerasethakul, Carlos Reygadas, Béla Tarr, Lucrecia Martel e Miguel Gomes.

O ritmo do filme é particularmente importante. Dias redundantes e longas sequências descrevem a vida monótona em que cada acção parece já ter sido escrita. Apesar dessa sensação de infinitude, a vida passa num *flash* e de repente o herói encontra-se muito perto da morte. No final, a sua vida normal, repleta de milhares de repetições, assume novas proporções. O meu filme foi feito para ter uma estética naturalista. Os contrastes são suaves e bonitos. A luz é natural. Apesar de uma imagem realista, a reação geral ao filme será de estranheza, devido ao ritmo específico, a escassez de diálogos, as personagens e os acontecimentos invulgares. Queria ter poucos movimentos de câmara. São as personagens que movem e alteram o valor e a intensidade dos planos. A composição é clássica e o ponto de vista é imparcial e paciente.



Biografia do realizador

Kamen Kalev é um realizador e argumentista búlgaro. Deixou a sua terra natal de Bourgas para ingressar na Academia Nacional de Teatro e Artes Cenográficas, onde passou dois anos em formação. Depois de mudar de curso, de fotografia para cinematografia, dedicou-se ao estudo da realização, em Paris.

A sua carreira ganhou proeminência em 2009, graças ao filme *Eastern Plays*, seleccionado para a Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes. Com este título conquistou múltiplas distinções em festivais de cinema internacionais, incluindo os prémios de Melhor Filme e Melhor Realizador no Festival Internacional de Cinema de Tóquio e o Prémio Especial do Júri João Bénard da Costa, na 3.ª edição do LEFFEST.

A sua segunda longa-metragem *The Island* (2011), protagonizada por Thure Lindhardt e Laetitia Casta, marcou a segunda presença do cineasta na Quinzena dos Realizadores e consagrou Kalev como um jovem e ousado realizador, capaz de pressionar os seus próprios limites até ao ponto de não retorno.

A terceira longa de Kalev, *Tête baissée* (2015) é o seu projecto mais comprometido socialmente, reflectindo na transição morosa da Bulgária de um regime totalitarista para uma democracia. Em *Fevereiro*, Kamen Kalev estreia-se num novo género de cinema, indo além do naturalismo para criar um retrato em três partes de um homem e da sua jornada em direcção à morte. Uma experiência verdadeiramente única e cinematográfica.



Filmografia

***Fevereiro*, 2020**

Festival de Cannes – Seleção Oficial

***Tête baissée / Face Down*, 2015**

Les Ponts de Sarajevo

– Segmento ***Ma chère nuit***, 2014

Festival de Cannes – Seleção Oficial / Special Screenings

***The Island*, 2011**

Festival de Cannes – Quinzena dos Realizadores

***Eastern Plays*, 2009**

Festival de Cannes – Quinzena dos Realizadores

Festival de Tóquio – Grande Prémio Sakura; Prémio de Melhor Realizador; Prémio de Melhor Actor (Christo Christov)

Festival de Bratislava – Prémio do Júri Ecuménico;

Prémio de Melhor Realizador; Prémio de Melhor Actor (Christo Christov)

LEFFEST – Lisbon & Estoril Film Festival – Prémio Especial do Júri João Bénard da Costa

Festival de Varsóvia – Prémio de Melhor Filme

***Rabbit Troubles*, 2007 (curta-metragem)**

Festival de Cannes – Semana da Crítica

***Get the Rabbit Back*, 2005 (curta-metragem)**

Festival de Cannes – Semana da Crítica